

Privados de ciência: dificuldade de professores para ensinar nos presídios

Deprived of Science: difficulty for teachers to teach in prisons

Ingrid Silva de Andrade

Universidade Federal da Bahia
dindis2@hotmail.com

Hélio da Silva Messeder Neto

Universidade Federal da Bahia
messeder3@gmail.com

Resumo

Professores que ensinam ciências costumam utilizar recursos para estimular o interesse dos alunos e auxiliá-los na aprendizagem. Na prática de ensino, essa diversidade se torna mais desafiadora em presídios, uma vez que este é um ambiente que traz limitações específicas para o trabalho do professor. Este trabalho tem o objetivo de analisar como professores de ciências atuam dentro do sistema prisional. Para isso, optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas com dois professores que atuam ou atuaram no sistema prisional. A partir dos dados obtidos na entrevista, duas categorias chamaram atenção e foram discutidas nos resultados: diferenças de ensinar no sistema prisional; conteúdos encarcerados.

Palavras chave: sistema prisional, ensino de ciências, professores.

Abstract

Teachers who teach science often use resources to stimulate students' interest and assist in learning. This diversity in teaching practice becomes more challenging in prisons since this is an environment that brings specific limitations to the teacher's work. This paper aims to analyze how science teachers work within the prison system. To achieve the proposed objective, it was decided to conduct semi-structured interviews with two teachers who work or worked in the prison system. From the data obtained in the interview, two categories called attention and were discussed in the results. They are: differences in teaching in the prison system; incarcerated contents.

Key words: prisional system, science teaching, teachers.

Introdução

Estabelecimentos sociais são instituições nas quais ocorrem atividades de diferentes naturezas, como, por exemplo, fábricas, laboratórios, edifícios, salas etc. Algumas instituições são muito mais fechadas do que outras; entre essas, temos a instituição presídio (GOFFMAN,

1961/2019), a qual ainda se encontra presente na sociedade, e, atualmente, com uma população carcerária elevada.

Pessoas que se encontram privadas de liberdade, apesar de terem parte dos seus direitos restringidos, a Lei de Execução Penal (nº7210/1984) prevê o ensino no contexto prisional como obrigatório e, portanto, como dever do Estado. Desse modo, a educação continua sendo um direito dessas pessoas. De acordo com dados fornecidos pelo Ministério da Justiça, no ano de 2014, apenas 11% dos apenados possuíam ensino médio completo, e somente 12% o ensino fundamental. A grande maioria dos presos, portanto, não teve acesso à educação formal antes de estarem privados de liberdade, o que torna essa oferta ainda mais necessária.

Ao ser reconhecida como essencial para a formação dos cidadãos, a educação escolar passa a ser, legalmente, um direito de todos. A constituição federal de 1988, no artigo 205, assegura esse importante direito (BRASIL, 1988).

A educação escolar no contexto do sistema prisional possui particularidades que vão além do ensino de conteúdo, já que ela está sendo inserida em um cenário singular. Embora a educação seja um direito, ela ainda é vista como um benefício tanto pela comunidade quanto pelas próprias pessoas que se encontram em situação de privação de liberdade. De acordo com Oliveira (2013), uma das grandes dificuldades da educação nos presídios é a oferta de séries. Nem sempre o apenado consegue estudar e isso, muitas vezes, é reflexo da falta de oferta da série em que ele parou. Um outro problema é a grande evasão escolar, seja desmotivação ou por questões judiciais (LIRA et al. 2016). Além dessas dificuldades encontradas por todos os professores, existem as especificidades de ensinar ciências naturais dentro desse contexto.

Porém, com as limitações existentes nas escolas dentro dos presídios, como será que os professores conseguem realizar seu trabalho? Ou melhor, como ensinam ciências em um ambiente limitador de suas práticas? É sabido que a educação no sistema penitenciário apresenta dificuldades. Dessa forma, o objetivo deste estudo é investigar as práticas pedagógicas de professores de ciências naturais que atuam dentro do sistema prisional. O presente trabalho é um recorte do meu trabalho de mestrado.

Revisão de literatura

Professores encontram inúmeros problemas quando atuam em presídios, o que, por vezes, acaba limitando o seu trabalho. De acordo com a revisão de literatura feita, as produções encontradas sobre ensino de ciências no sistema prisional se limitam a relatos de aulas e, a partir daí, as implicações nesse processo.

Toti e Pierson (2009) trazem uma experiência do ensino de física desenvolvida em uma escola dentro de um presídio no interior paulista. Os professores pesquisadores solicitaram textos referentes à atividade que o educando realizava no trabalho. Eles relatam que nem todos os estudantes se empenharam, porém 11 dos inventários construídos por eles ao longo de dois meses foram socializados e serviram como banco de informações, que, por sua vez, foram utilizadas para o planejamento de atividades didáticas. O banco de informação foi útil para abordagem de conhecimento a partir das situações de trabalho dos educandos. O autor considera que é importante que o apenado reconheça a importância social do trabalho e o significado do trabalho para a sociedade, e que os conhecimentos científicos são uma possibilidade de intervenção maior e diálogo com a sociedade.

Um ponto que os professores de ciências consideram que difere a educação do cárcere e a educação fora do contexto prisional é justamente a seleção de conteúdo. De acordo com os professores, a educação nas escolas extramuros é mais conteudista, enquanto a educação

dentro do sistema prisional é mais leve. Alguns poucos professores seguem o que Diório (2017) chama de “método conteudista tradicional”: professores que ensinam o conteúdo tendo uma menor preocupação com a contextualização (DIORIO, 2017).

Na sua pesquisa, Cavalcante (2011) buscou analisar o impacto da exibição de um filme nas aulas de biologia nas prisões e adota como referencial teórico a proposta pedagógica de Paulo Freire. A partir da experiência, foram geradas reflexões, não só acerca da disciplina biologia, como também reflexões pessoais. A autora também relata que, a partir da experiência, considera ser impossível separar os estudantes de suas vivências e ensinar biologia considerando apenas o conteúdo.

Lourenço e Barros (2015), em sua pesquisa, tiveram como objetivo compreender a utilização didática de um documentário no processo de ensino/aprendizagem de biologia, mais especificamente do conteúdo botânica, usando como referencial a teoria da aprendizagem significativa. De acordo com os autores, os resultados obtidos foram positivos. Eles consideram que a atividade proporcionou entusiasmo nos alunos em aprender o conteúdo referente à botânica.

Além da preocupação com a aprendizagem dos conteúdos, alguns trabalhos também apresentam interesse no desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Dantas (2017), que em seu trabalho de conclusão de curso teve como objetivo contextualizar o ensino de química com o tema “automedicação” com a intenção de que seja desenvolvido o que a autora chama de pensamento científico, ao mesmo tempo que aprendem as composições químicas. De acordo com a pesquisadora, o trabalho conseguiu fazer com que os alunos se conscientizem sobre o uso da automedicação.

Outro dado interessante encontrado foi referente ao uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) dentro de escolas situadas no presídio. Centenaro (2014) relata que os estudantes conseguiram relacionar os conteúdos de física com o cotidiano e, além disso, tiveram melhor desempenho com o uso das TICS.

Outra estratégia encontrada na literatura foi a utilização de oficinas experimentais de ciências. Cunico e Miguel (2008) em sua pesquisa enfatizaram a importância do meio ambiente e da reutilização de materiais descartáveis no processo de Educação. Foi uma proposta de ensino de química voltada para a questão ambiental. Os resultados confirmaram que a proposta é viável dentro dos sistemas prisionais.

O artigo de Centenaro (2016) apresenta, brevemente, a discussão sobre o conteúdo de física Pressão. A partir do conteúdo, o professor tentou relacionar com o cotidiano que os alunos tinham antes de serem presos. O autor considera que a atividade foi proveitosa, pois, trazendo a aula para o cotidiano ela se torna mais atrativa. O autor considera que deve acabar com essa relação do professor apenas transmitir o conteúdo.

De acordo com a revisão de literatura, pôde-se observar que os trabalhos que falam sobre educação no presídio ainda são poucos, e menos ainda quando se trata de ensino de ciências naturais.

Método

Foram convidados cinco professores da área de conhecimentos de ciências da natureza e matemática, que possuíam licenciatura em algum dos seguintes cursos: química, física, biologia, ou ciências naturais, e matemática, e que lecionassem algumas dessas disciplinas. Para este trabalho, que se trata de um recorte da minha dissertação, foram utilizados dados de dois professores entrevistados.

Os critérios de seleção foram: 1 – tempo de profissão (professores que estivessem atuando ou já atuaram dentro da escola do presídio há, pelo menos, 6 meses); 2 – que demonstrassem disponibilidade para participar da pesquisa.

Dois professores foram selecionados, os quais chamaremos de Marlon e Marcos (nomes fictícios). Ambos possuem licenciatura em matemática. Marlon, além de licenciado em matemática, possui graduação em engenharia e pedagogia. Atualmente, ele ensina no presídio, lecionando as disciplinas de química, física, matemática e biologia. Marcos já atuou ensinando matemática e física. Hoje, atua em uma escola privada. Ambos são residentes do estado de São Paulo.

As entrevistas semiestruturadas, divididas em duas partes, foram realizadas de forma online, a partir de chamada de vídeo do *whatsapp*.

Durante as entrevistas foram realizadas perguntas sobre: a rotina dos professores na escola; quais ações pedagógicas eles utilizavam para conseguir compartilhar o conhecimento; dificuldades de atuação encontradas por eles no desenvolvimento da ciência nos espaços de privação de liberdade; e as limitações que lhe são impostas pelo contexto institucional para o desenvolvimento do seu trabalho; teoria pedagógica adotada. O registro dos dados das entrevistas foi realizado através de gravação de voz.

Para a análise de dados, os primeiros passos foram a transcrição das entrevistas e a organização dos dados obtidos. Após esse processo, foram realizadas as leituras dos materiais e separadas as percepções gerais dos participantes. Em seguida, os dados foram organizados por temas, a partir dos principais resultados obtidos.

Resultados

A partir das entrevistas realizadas, pôde-se observar duas categorias que se destacaram: uma é referente às diferenças relatadas pelos professores entre ensinar no sistema prisional e ensinar em escolas extramuros; outra refere-se aos conteúdos que os professores tratam como proibidos, conteúdos que, por algum motivo, não podem ser lecionados.

Diferenças do ensinar no sistema prisional

De acordo com Marlon, a principal diferença entre ensinar dentro e fora do sistema prisional está na disciplina dos alunos, pois respeitam os professores, coisa que, de acordo com o professor, não acontece do lado de fora das grades: “disciplina, o termo é esse, disciplina. A disciplina que eles têm dentro da prisão é uma, funciona. Fora, que é escola normal... péssimo...”, diz ele.

Para Marlon, o que funciona dentro do sistema prisional é o fato dos alunos serem disciplinados. Essa disciplina surge pelo medo de não poder mais estudar. Já para o Marcos, é mais difícil atuar dentro do sistema prisional, por causa do medo e da insegurança. De acordo com ele, um dos motivos dele ter deixado de ensinar lá, foi por causa das constantes ameaças de rebelião. Além disso, o professor relata também sobre a falta de material na escola. Ele considera a quantidade de materiais muito limitada, além da dificuldade dos alunos de poderem realizar uma pesquisa, por exemplo.

Ensinei fora e dentro do presídio ao mesmo tempo e a diferença de ensinar: limitação de material e a forma que você pode abordar. Falo assim, por exemplo, do lado de fora você consegue levar o material, você consegue pra alguém trazer uma pesquisa. E lá você não pode entrar com nada, então por exemplo: o metro. Se eu pego o metro e exemplifico formas, eu trabalho com geometria, esse metro eu vou dobrando ele, dobro ele nos formatos de hexágono, pentágono, triângulo, quadrado e consigo exemplificar... esse material não pode entrar lá, entendeu? Eu tenho que preparar isso daí com antecedência de 4 meses pra poder tá levando, pra ver se é

permitido e correr o risco de ser barrado, então a quantidade de recursos é muito limitada.

Enquanto Marlon relata maiores dificuldades para ensinar no sistema prisional, contudo considera ser tranquilo e, em algumas falas, chega a falar que é mais tranquilo do que ensinar do lado de fora. Já o Marcos, considera as dificuldades maiores: além dos relatos citados acima, ele fala sobre a dificuldade dos alunos estudarem após as aulas, por não poder levar o material com eles para a cela.

Observa-se que a fala de Marcos dialoga melhor com a literatura do que a fala de Marlon, visto que os professores que atuam em presídios constantemente se queixam da dificuldade de ensinar.

Além disso, percebe-se também um controle que o sistema prisional exerce sobre os corpos que estão presentes nesse sistema. Foucault (1987) discute isso na sua obra, quando fala sobre a necessidade de manter um controle sobre essas pessoas. Ainda de acordo com Foucault “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (p. 28). É o que ocorre na fala quando Marlon enfatiza a necessidade de disciplina na sala de aula.

Conteúdos encarcerados

Um ponto dos relatos dos professores que chamou atenção foi o fato de alguns conteúdos não poderem ser ministrados dentro da escola, ou precisam ser podados, conteúdos esses que fazem parte do ensino médio de escolas regulares.

Marlon relata não poder ensinar três conteúdos: fermentação, destilação e eletricidade. Quando questionado o porquê de não poder ensinar destilação, ele informa: “por questões éticas”. Ele se diz ser cuidadoso para não ensinar, apesar dos alunos terem interesse em aprender.

...o maior problema se chama química e biologia, porquê? É o processo que eles querem aprender e aperfeiçoar e tem coisa que eu tomo esse cuidado de não passar. “Ah mas eu quero aprender” filho, eu não posso, minha ética diz que não posso passar tais conteúdos. Por que? Porque assim ó, eu vou ensinar a eles o processo de destilação? Não, mas eu posso falar que tem as usinas de açúcar e álcool, toda a história desde o plantio até a colheita...

De acordo com o entrevistado, ele toma o cuidado para que o aluno não tenha acesso ao conhecimento geral do processo químico envolvido na produção do álcool. Porém, o professor prefere privá-los de aprender a destilação, de acordo com ele por questões éticas, conteúdo específico para a extração do álcool.

Um outro conteúdo que Marlon considera proibido é a fermentação, uma vez, assim como a destilação, os estudantes podem utilizar desse conhecimento para produzir álcool dentro do presídio. De acordo com Marlon, os professores mais antigos já sabem que não podem ensinar tais conteúdos. Porém, os mais recentes precisam dessa orientação.

Fermentação, pra que que eles vão...é, motivo... fermentação? Ué, com o que eles recebem lá eles podem fazer fermentação e produzir álcool... o que é meio difícil, mas eles conseguem fazer isso daí também, tem muitas restrições a alimentação.

Inclusive, o entrevistado relata, ainda, sobre alguns alimentos que não podem entrar no presídio, como a laranja e a maçã, pois estes têm a possibilidade de serem fermentados e transformados em álcool.

Além desses conteúdos citados acima, um outro que não deve ser ensinado é a eletricidade, mais especificamente a parte relacionada à resistência, da disciplina de física. De acordo com o professor, os alunos podem utilizar o arame que amarra o saco de pão para aquecer água, por exemplo.

Já para Marcos, na sua prática de ensino de matemática e física, não há restrições com relação a temas ou assuntos a serem abordados. Porém, ele acredita que professores de outras disciplinas, como da área de ciências humanas, talvez tenham dificuldades mais evidentes. Para ele, não se deve adentrar em alguns conteúdos considerados polêmicos socialmente, como política e religião.

Essas matérias compreendem a política e também compreende religiosidade né, e é muito difícil, eu acho pra essas matérias. Pra mim, eu acho mais simples porque é questão de números. Trabalhar números eu consigo me desviar de políticas, consigo me desviar de crenças, agora essas outras matérias eu acho que são um pouco mais complicadas, mais delicadas a se tratar, então eu acho que eles tinham uma missão um pouco mais difícil.

Percebe-se que o entrevistado considera que, apesar de outras dificuldades, não é difícil ensinar matemática e física e quem leva um desafio maior são os colegas que ensinam ciências humanas, por ser difícil tratar de alguns conteúdos sem mencionar os temas considerados polêmicos por ele.

Então, números, a gente trata diversos problemas, então é bem tranquilo, eu lembro que por exemplo História, Geografia, porque trata muito de religião né e lá dentro é complicado, você não pode falar disso, você tem que... eu achei muito difícil conversar com outros professores né, falar de política, tomar muito cuidado, tem que ser muito o que tá no livro sem abrir chance né, pra senso crítico, então matemática, essa questão pra mim não foi tão assim, mas eu lembro que o manual tinha algumas coisas relacionadas a algumas matérias né, esses conceitos do que você pode ou não falar.

É possível perceber um contraste da fala dos dois participantes. Enquanto um considera que o problema está em ensinar ciências da natureza, o outro, mesmo sem uma experiência prática em ensinar ciências humanas, mas com experiência de ensinar no presídio e com o conhecimento do que é permitido, considera que o maior desafio de ensinar lá dentro sejam as ciências humanas.

Considerações finais

De acordo com a revisão de literatura, a primeira observação a ser feita é a respeito dos poucos trabalhos na área. Ainda existem poucos estudos, entre artigos, teses e dissertações, que falem sobre ensino de ciências dentro de espaços prisionais. É importante que os trabalhos não só que façam análise de como está o ensino de ciências nos presídios, mas que proponham melhorias.

Além disso, observa-se que a instituição presídio, a partir do momento que limita conteúdos, encarcera não só os corpos, mas a mente de quem se encontra presente nessa instituição.

Percebe-se diferença nas falas dos participantes, o que torna ainda mais importante uma investigação e análise melhor a respeito do tema. Apesar de avanços nas pesquisas relacionadas à educação no sistema prisional, ainda é preciso avançar muito, principalmente quando se trata de ensino de ciências.

Agradecimentos e apoios

À Capes, pelo apoio financeiro.

Referências

BRASIL. **Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984.** Institui a Lei de Execução Penal. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm. Acesso em: 27 de junho de 2020 às 14:37h.

CUNICO, M. M.; MIGUEL, M. D.; SALVADOR, S. F. T. Educação ambiental no sistema prisional paranaense. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 9, n. 2, p.71-78, dez. 2008.

DANTAS, Eryca Vanessa Gonçalves. **As Concepções dos Alunos da Educação em Química na Modalidade EJA, Nos Sistemas Prisionais de Cajazeiras e São João do Rio do Peixe-PB, sobre a Prática da Automedicação.** 2017. 46 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Química, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeira, 2017.

DIORIO, Tatiane Almeida. **Entre o ensino e a ressocialização: práticas de professores de Ciências na educação prisional masculina no município do Rio de Janeiro.** 2017. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

CAVALCANTE, Elisângela Caldas Braga. **Cinema na cela de aula: o uso de filmes no Ensino de Biologia para a EJA prisional.** 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de Ciências, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CENTENARO, Francis Jessé. A utilização das TIC no ensino de física: uma experiência no sistema prisional em Santa Maria/RS. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2014.

CENTENARO, Francis Jessé; PASTORIO, Dioni Paulo. A problematização de fenômenos físicos como ferramenta de ensino para Jovens e Adultos inseridos no sistema prisional de Santa Maria/RS. **Revista de Extensão**, Santa Maria, v., n. 3, p.425-431, jul. 2016.

FOUCAULT, Michel. (1987). **Vigiar e punir: a história da violência nas prisões.** Petrópolis, RJ: Vozes.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Perspectiva, 1961/2019.

LIRA, R. M. F. de; MENDES, L. M. de L.; Rocha, M. B. dos S.; ALMEIDA, R. F. F. C. de; BARBOSA, M. R. Educação de Jovens e Adultos no Contexto de Privação de Liberdade: como o educador analisa a educação por ele mediada? Natal-RN. **Congresso Nacional de Educação – CONEDU, III**, 2016.

LOURENÇO, Franklin Herik Soares de Matos; BARROS, José Deomar de Souza. Margaret Mee e a flor da lua: compreendendo a botânica por meio do uso de documentários no ensino de biologia na EJA prisional de Cajazeiras-PB. In: **CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM CIÊNCIAS.** 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: CONAPESC, 2015, p. 1-13.

OLIVEIRA, C. I. C. de. A Educação Científica como Elemento de Desenvolvimento Humano: uma perspectiva de construção discursiva. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 105-122, Aug. 2013.

TOTI, Frederico Augusto; PIERSON, Alice Helena Campos. Ensino de Física no cárcere: experiências didáticas de Física apoiadas em situações de trabalho de alunos reeducandos de uma unidade prisional paulista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 18., 2009, Vitória. **Anais**. Vitória: Issn, 2009. v. 18, p. 1-10.